

DENIZE LINDOLPHO DE OLIVEIRA

A FORMAÇÃO DO SUJEITO ÉTICO-MORAL:
- Desafio de uma Gestão Democrática

PONTIFÍCIA UNIVERSIDADE CATÓLICA DE SÃO PAULO

PUC-SP

2008

DENIZE LINDOLPHO DE OLIVEIRA

A FORMAÇÃO DO SUJEITO ÉTICO-MORAL:
- Desafio de uma Gestão Democrática

PONTIFÍCIA UNIVERSIDADE CATÓLICA DE SÃO PAULO

PUC-SP

2008

DENIZE LINDOLPHO DE OLIVEIRA

A FORMAÇÃO DO SUJEITO ÉTICO-MORAL:

- Desafio de uma Gestão Democrática

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado à Habilitação em Administração Escolar da Faculdade de Educação da Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, como requisito parcial para obtenção do título de **licenciada** em Pedagogia.

Orientadora: Prof^a Dr^a Marília Josefina Marino

São Paulo

2008

A FORMAÇÃO DO SUJEITO ÉTICO-MORAL:
- Desafio de uma Gestão Democrática

BANCA EXAMINADORA:

*Dedico este trabalho:
aos meus pais,
Marci (in memorian) e Valquiria;
às minhas irmãs, Giselle e Danielle.*

Agradecimentos

Foram muitos os que me ajudaram a concluir esta etapa da minha vida.

Meus sinceros agradecimentos...

...ao meu núcleo familiar, pela paciência;

...aos amigos, pela amizade duradoura,

incentivo e debates noite afora;

...a todos os professores que já tive, pelas valiosas críticas e

disposição diante das minhas limitações;

...às comunidades escolares pelas quais passei,

pelo acolhimento e aprendizado;

...aos queridos alunos, por me deixarem um pouco de si e

levarem um pouco de mim;

...à Prof^a Dr^a Marília Josefina Marino, por aceitar a orientação desse trabalho e

conduzir seu desenvolvimento, com muita paciência,

sabedoria e positividade.

RESUMO

Este trabalho busca aliar concepções de educação, gestão, ética e moral, investigando o papel da escola na formação de valores nos alunos. O estudo gira em torno da relação educação-sociedade, refletindo sobre a fragilidade do processo educativo frente aos problemas e demandas sociais. Os dados de campo foram colhidos através de questionário aberto e observações realizadas em escolas da rede pública e particular de ensino. A meta é desenvolver um Projeto Educacional que privilegie a formação do sujeito ético-moral, destacando a importância do ambiente escolar neste processo que envolve pais, alunos, professores e funcionários, onde a gestão democrática surge como estratégia do gestor para o fortalecimento da comunidade escolar e exemplo de cidadania. A metodologia utilizada é qualitativa de natureza exploratória e fenomenológica.

Palavras-chave: Formação ético-moral; gestão escolar; temas transversais; gestão democrática; construtivismo

RÉSUMÉ

Ce mémoire cherche à traiter des concepts de l'éducation, la gestion, l'éthique et la morale, en enquêtant sur le rôle de l'école dans la formation de valeurs de nos élèves. L'étude s'articule autour de la relation éducation-société, dans une réflexion sur la fragilité du processus éducatif face aux problèmes et besoins de la société. Les données de terrain ont été recueillies au travers d'un questionnaire et des observations faites dans des écoles de l'enseignement public et privé. Le but est de développer un projet éducationnel qui privilégie la formation de l'individu éthique-moral, en soulignant l'importance de l'environnement scolaire dans ce processus qui implique les parents, les élèves, les professeurs et le personnel, où la gestion démocratique apparaît comme une stratégie du gestionnaire pour le renforcement de la communauté scolaire et un exemple de la citoyenneté. La méthodologie utilisée est qualitative de nature exploratoire et phénoménologique.

Mots-clé: éthique et morale de la formation, la gestion de l'école, thèmes transversaux; gestion démocratique; constructivisme

ABSTRACT

This paper combine concepts of education, management, ethics and morality, investigating the role of schools in the formation of student values. The study revolves around the relationship education and society, reflecting on the fragility of the problems facing the educational process and social demands. Field data were collected through a questionnaire and comments made in open schools of public and private education. The goal is to develop an education project dedicated to training of ethical-moral subject, highlighting the importance of school environment in the process that involves parents, students, faculty and staff, where the democratic management strategy emerges as the manager to strengthen the school community and example of citizenship. The methodology is qualitative in nature and exploratory phenomenological.

Key words: ethical and moral training, school management, cross-cutting themes; democratic management; constructivism

SUMÁRIO

I. INTRODUÇÃO

1. Do caminho como educadora à escolha do tema.....	12
2. Justificativa.....	15
3. O problema.....	16
4. Objetivo geral.....	17
5. Objetivos específicos.....	18
6. Pressupostos como ponto de partida.....	20

II. FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICA

1. Geral.....	21
2. Específica.....	27

III. PROCEDIMENTOS METODOLÓGICOS.....41

IV. DADOS DE CAMPO – APRESENTAÇÃO E ANÁLISE

1. Entrevista com alunos.....	42
2. Entrevista com ex-alunos.....	45
3. Descrição compreensiva.....	50

V. PLANO DE INTERVENÇÃO.....53

VI. CONSIDERAÇÕES FINAIS.....59

VII. REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS.....60

VIII. ANEXOS.....62

“Essas lágrimas, esclareceu o diretor, desanimaram os primeiros pesquisadores. As experiências foram abandonadas. Não se fizeram mais tentativas para ensinar o comprimento do Nilo às crianças durante o sono. Muito acertadamente. Não se pode aprender uma ciência sem saber do que se trata.

— Ao passo que, se ao menos tivessem começado pela educação moral... — disse o Diretor, conduzindo a turma para a saída. Os estudantes o acompanharam, rabiscando desesperadamente enquanto caminhavam e durante todo o trajeto no elevador. — A educação moral, que não deve jamais, em circunstância alguma, ser racional”.

(Aldous Huxley)

I. INTRODUÇÃO

1. Do caminho como educadora à escolha do tema

Meu processo escolar foi marcado pela relação de amor e ódio com a escola. Estudei em um lugar onde os professores me cobravam disciplina e postura de estudante que não me pertenciam, mas pertenciam à minha irmã.

Também me cobravam um desempenho superior aos demais alunos o tempo todo, alegando que, por ser filha de uma professora da escola, deveria adotar outra postura com relação aos estudos.

Diante de tanta pressão, acabei desenvolvendo uma grande aversão pela escola, pois senti que não reconheciam minhas qualidades e só tentavam impor uma personalidade que não era minha. A partir daí, comecei a viver buscando preservar minha auto-estima e identidade, pois minha criticidade não era bem-vinda por ali, mas era inerente ao meu jeito de ser e, certamente, no futuro eu encontraria o meu lugar.

Com o tempo, percebi que eu não tinha interesse em coisas que não me faziam sentido, então buscava algo de mais interessante para fazer.

Depois de muitos diálogos acalorados, alguns professores passaram a reconhecer minhas habilidades, como a facilidade de expressão, criatividade, liderança e pensamento crítico-analítico superior para a idade, mas nem sempre me davam a oportunidade porque o sistema vigente não permitia esse espaço aos alunos. O tempo era cronometrado e os alunos tinham um comportamento “padrão”, restando aos que não concordavam, como eu, compartilhar suas inquietações na famosa *turma do fundão*, dos bagunceiros, dos engraçadinhos, entre outros adjetivos pejorativos.

Honosramente, admito a participação nessa comunidade por boa parte da minha formação, reconhecendo como um local extremamente rico; pólo de concentração de líderes, artistas e intelectuais em potencial. Em linhas gerais, o que consiste esse grupo é o interesse por temas não abordados nas disciplinas tradicionais, e que fazem sentido na vida dos integrantes.

Discussões surgiam como uma salvação, para continuarmos ali sem ter a sensação de perda de tempo.

Desde questionar a postura autoritária dos professores até discutir sobre música, comportamento e política foram experiências que me abriram horizontes, transcendendo a “fôrma escolar” e fazendo de mim uma pessoa articulada, com um olhar mais apurado e repleto de críticas contundentes.

Apesar do desinteresse em boa parte das disciplinas, meu desempenho era mediano, por vezes bem próximo do que muitos professores gostam de panfletar aos colegas de profissão (leia-se nota 10) prestando o mínimo de atenção e surpreendendo aos desavisados, pois, apesar de entediada, no fim eu sabia fazer tudo e cumpria as obrigações para ter sossego.

Os anos se passaram e no Ensino Médio as coisas foram um pouco diferentes. Entrei em contato com projetos interessantes, como oficinas de Teatro, formação de multiplicadores para trabalhar com Prevenção (DST's/Gravidez/AIDS) e grêmio estudantil.

Articulei um grupo de alunos para a organização de uma chapa, que tinha como objetivo maior estabelecer uma relação de parceria com a escola (Grêmio da União Aluno-Escola) e conseqüentemente, com a comunidade.

A proposta fez sentido e tornou-se uma causa urgente, resultando na eleição da chapa com mais de 400 votos e a oficialização do desejo de tantos alunos (especialmente se tratando de eventos comemorativos, desenvolvimento de projetos e atividades culturais), mas isso não foi suficiente para que o objetivo fosse atingido. A Direção se mostrou autoritária em tempo integral, esquivando de qualquer aproximação e se recusando a prestar esclarecimentos sobre o destino da verba arrecadada pela agremiação anterior, que por conta da formatura, deixou aos cuidados da direção.

Observando a mobilização estudantil que surgiu e o apoio de alguns professores da escola não serem valorizados pela diretora – e, querendo ou não, autoridade escolar – me senti motivada a encaminhar os estudos para a área da Pedagogia e Gestão, especificamente.

Determinada, resolvi conhecer de perto uma escola que ficava a uma quadra de minha residência. Era o Espaço da Vila - ciclo inicial da Escola da Vila, mas até então eu não fazia *idéia* do que esse nome representava.

Por ironia do destino, me apaixonei pelo espaço e a proposta educacional, e humildemente iniciei minha trajetória profissional na área que eu sempre andei na *contramão*... Trabalhei como auxiliar de classe durante três anos e essa experiência foi extremamente importante.

O desejo de compreender o universo educacional me tomou por completo, e optar pela Pedagogia ou sanaria minhas inquietações ou revelaria a ponta do *iceberg* para novas reflexões sobre educação e minha própria trajetória escolar.

Acredito que o papel do gestor como articulador da equipe pedagógica se assemelha ao maestro, que observa todos os elementos que constituem a orquestra, tratando dessa relação harmoniosamente a fim de que o resultado seja perfeito. Observar os atores envolvidos na escola e visar o oferecimento de uma educação de qualidade; mobilizar os alunos e fomentar a participação da comunidade faz parte (ou deveria) do ato de gestar.

Assim, o tema geral deste trabalho é investigar a *relação* entre a formação ético-moral do educando e a gestão democrática.

Essa clareza é fundamental para a construção de um projeto pedagógico que realmente transcenda estatísticas pedantes, que não só cumpra estimativas, entregando educandos aptos para “batalhar” o acesso ao Ensino Superior, mas que faça diferença na vida dos envolvidos, formando cidadãos conscientes, críticos, participativos e transformadores da própria realidade no sentido literal em uma sociedade tão desencantada, caótica, perdida em falsos valores, regida por forças mercadológicas e relações de poder.

2. Justificativa

O presente trabalho surgiu de minha preocupação com relação aos novos valores que estão brotando na sociedade atual e os caminhos que a escola vêm sendo obrigada a trilhar a fim de atender e capacitar seus alunos para conviver (e sobreviver) ao complexo momento histórico em que vivemos.

Esta preocupação me acompanha desde o início da graduação e se intensificou no momento em que decidi cursar a habilitação de Administração Escolar. É muito fácil quando o educador trabalha dentro de uma instituição e que os pontos que o desagradam são externos, mas como proceder quando nós somos responsáveis pelas decisões e caminhos de uma escola? Como proceder quando essas decisões comprometem a vida de muitas pessoas, especialmente os educandos em formação?

Após muitas noites insones em que me vi desafiada a elucidar esse dilema, pude detectar aspectos da educação que nem sempre recebem a devida atenção dos educadores e que deveriam ser inerentes ao *know-how* pedagógico.

Questões como ética, comportamento, moral, valores e análise crítica da sociedade são os verdadeiros alicerces da educação e infelizmente esses conteúdos deixaram de ser responsabilidade da família e passaram a ser muitas vezes, apenas responsabilidade da escola – que não está preparada e não possui um currículo que subsidie essas novas demandas.

Tal preocupação, por vezes angustiante, é compartilhada entre estudantes de Pedagogia, Filosofia, História, Ciências Sociais e cidadãos comuns, tornando-se extremamente coerente a elaboração de um Projeto Educacional que esteja voltado para a formação ético-moral, que repense valores, que aborde temas contemporâneos e desenvolva a condição crítico-transformadora dos educandos frente à sociedade atual.

Este projeto é de grande importância para a minha formação em Administração Escolar e Magistério das Matérias Pedagógicas no Ensino Médio, considerando que nestas áreas os aspectos levantados tornam-se mais agudos e pedem encaminhamentos.

3. O Problema

Ao longo dos anos, a educação básica vem tentando acompanhar e atender à sociedade, porém está deixando de considerar aspectos essenciais na formação plena de seus estudantes como valores, comportamento, tecnologia, criticidade e autoconhecimento.

Essa nova sociedade não se contenta mais em formar apenas mão de obra especializada em uma única área, tampouco o domínio pleno de um único idioma e a formação provinciana, carente de criticidade oferecida pelas instituições de educação básica.

Não é novidade que muitos estudantes sentem que a aprendizagem para subsidiar seu trajeto até o Ensino Superior se deu por meio de cursinhos pré-vestibulares. Ou seja, o ensino recebido na escola *não* foi eficiente para o estudante vencer a etapa do vestibular.

O cursinho pré-vestibular que, *a priori*, é uma ferramenta de revisão e preparo para o acesso ao ensino superior, passou a ser uma ferramenta para a recuperação de uma trajetória escolar defasada.

Vivemos um momento histórico complexo, onde as inovações tecnológicas caminham a passos largos e as relações humanas, bem como a formação ético-moral dos indivíduos, estão se fragilizando cada vez mais.

Novos valores estão sendo postos e novas responsabilidades estão sendo delegadas às escolas, ainda que estas não estejam preparadas efetivamente para atendê-las.

A indagação que me mobiliza é: *Como o gestor escolar pode articular a equipe pedagógica na realização de um Projeto Educacional que privilegie a formação do sujeito ético-moral?*

4. Objetivo Geral

Para responder ao problema, o objetivo geral do trabalho é repensar os valores existentes na sociedade, de que forma foram construídos e entender o papel da escola na formação ético-moral dos estudantes, considerando que a atuação consciente de cada educador é de suma importância para sua realização, principalmente a do gestor.

Dentro desse ambiente educativo, vale destacar que não basta conceber a ética e a educação moral como fenômenos externos, isolados da prática pedagógica. É preciso conceber, vivenciar e acreditar no poder de transformação de muitas vidas à medida que esses conceitos são construídos coletivamente, tendo a gestão democrática como exemplo de cidadania e fortalecimento da relação escola-comunidade.

5. Objetivos Específicos

- Destacar a importância da Liderança na gestão escolar como competência necessária ao gestor para articular a equipe pedagógica e dos benefícios da Gestão Democrática;
- Compreender a necessidade do conhecimento aprofundado da comunidade local, a fim de se estabelecer (progressivamente) uma relação coerente com valores transmitidos pela instituição escolar;
- Compreender quais são as concepções de homem, mundo, sociedade e educação que deseja desenvolver na escola;
- Apresentar os conceitos e discutir as diferenças entre ética e moral; heteronomia e autonomia;
- Tratar a educação como uma ferramenta política de transformação social e apontar formas de se trabalhar ética e moral como questões balizadoras do fazer pedagógico e da atuação na comunidade escolar;
- Desenvolver um Projeto Educacional que contemple:
 - a metodologia de projeto como estratégia para o desenvolvimento do sujeito ético-moral;
 - a formação continuada dos professores para realizar o Projeto Educacional construído coletivamente;
 - encontros sistemáticos com os profissionais de apoio (funcionários) como recurso para motivar e elucidar a importância de cada um no processo educativo, desenvolvendo competências, participação

consciente e compartilhando objetivos comuns de educação e valores da escola;

- encontros sistemáticos com pais, tendo em vista a articulação do trabalho Família-Escola na formação do sujeito ético-moral.

5. Pressupostos como pontos de partida

Valores e princípios morais fazem parte da vida social da Humanidade hoje e sempre. Viver em sociedade, como “ser-em-relação” supõe estabelecer normas, combinados, contratos, fundados em valores; seja de modo consciente, ou não. Desde a Antigüidade, com a *maiêutica* de Sócrates, não importa com que instrumentos, muitos se dedicaram à ética como objeto de estudo.

Os conceitos de ética e moral são freqüentemente confundidos, e até mesmo considerados sinônimos, devido à grande dificuldade em diferenciá-los.

Do ponto de vista etimológico, a palavra ética vem do grego *ethos*, que significa “caráter”, ou “modo de ser”, enquanto moral vem do latim *mos* ou *mores*, “costumes” ou “costume”, no sentido do conjunto de regras ou normas adquiridas de acordo com a atribuição de significado pelo indivíduo.

E no Brasil de hoje. Na São Paulo de hoje. Quais serão os modos de ser e os costumes das ações humanas em nossa sociedade?

Ética e moral eram assuntos de grande discussão entre filósofos da Grécia Antiga, pois eram reconhecidas como elementos essenciais para o desenvolvimento da humanidade e os caminhos a serem tomados nesse processo.

Além da contribuição dos filósofos, é possível descobrir qual é a ética vigente em sociedades distintas através de pinturas, esculturas, tragédias, comédias e músicas. Ou seja, através da produção da cultura, de documentos não-escritos ou mesmo não-filosóficos. A ética se concretiza nas condutas que temos no cotidiano, e avaliar o comportamento das pessoas possibilita buscar os valores que estão a eles subjacentes.

À medida que o homem vai se desenvolvendo, utiliza sua capacidade de refletir sobre os atos e elabora seu próprio juízo de moralidade.

Trazendo esses pressupostos para a Educação, faremos um panorama sobre as aprendizagens do indivíduo e as possibilidades da educação moral – nossa grande preocupação nos dias de hoje.

II. FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICA

1. Geral

O homem é um ser social dotado de razão, tendo a capacidade de refletir de acordo com sua realidade vivida.

Segundo a teoria marxista, o pensamento é condicionado pela infraestrutura da sociedade, pela forma como se dão as relações de trabalho, como se organizam as forças produtivas e como se distribui a produção. Postulando a dimensão dialética, ao mesmo tempo em que o homem é condicionado pelas relações sociais, ele é capaz de transformá-las através de sua *ação*. Dessa forma, a consciência é construída nas relações.

O modo de produção se caracteriza basicamente pelas relações entre a produção e as forças produtivas. Ou seja, a produção (o que se produz) de um lado e as forças produtivas (instrumentos de trabalho) do outro, tendo como elemento balizador a forma como se dá a apropriação do produto.

Esse modo de produção (capitalista) considera a luta de classes como força motriz, uma vez que a burguesia (donos dos meios de produção) e proletariado (que vendem a força de trabalho para os burgueses) protagonizam contradições que resultam no processo de dominação e opressão.

Nesta contradição, que confere ao novo modo de produção o seu carácter capitalista, *existe já, em embrião, todos os conflitos do presente*. E quanto mais o novo modo de produção dominar em todos os sectores fundamentais da produção e em todos os países economicamente importantes, reduzindo a produção individual a restos sem significado, melhor se evidenciará a *incompatibilidade entre a produção social e a apropriação capitalista*. (ENGELS, 1984: 82-83).

O homem que compreende a lógica do sistema é capaz de compreender as *regras* do jogo. É preciso tomar consciência de que a sociedade é desigual porque há toda uma lógica por trás, a fim de que as classes sociais permaneçam como estão, em “ordem”.

As forças activas da sociedade, enquanto não as conhecemos e não a dominamos, actuam como as forças da natureza: de modo cego, violento e destruidor. Mas uma vez conhecidas, logo que se saiba compreender a sua ação, suas tendências e efeitos, está em nosso poder submete-las cada vez mais à nossa vontade, e através delas, atingir os nossos fins. (Idem: 96).

Ou seja, ao contrário do que a elite pretende, o homem – independentemente da classe a que pertence, não deve se culpabilizar e se conformar com a situação. Pelo contrário, deve tomar conhecimento de sua posição no sistema e buscar caminhos para transformar a realidade. O conhecimento é fundamental para que as ações sejam conscientes, imbuídas de intencionalidade e esperança de realização.

Daí, a necessidade que se impõe de superar a situação opressora. Isto implica o reconhecimento crítico, a “razão” desta situação, para que, através de uma ação transformadora que incida sobre ela, se instaure uma outra, que possibilite aquela busca do ser mais. (FREIRE, 1987: 34).

Partindo da tomada de consciência e da possibilidade de transformação, o homem enxerga o mundo em movimento, entrelaçado em uma grande teia de relações que caracteriza a complexidade da existência.

Vivemos um momento conflitante, pois, à medida que inovações tecnológicas vêm trazendo facilidades à vida humana, trazem como consequência o distanciamento das relações interpessoais, a perda da compaixão pelo outro e uma competitividade exacerbada, a exaltação do *carpe diem*, tornando sensações como frustração e paciência - inerentes à condição humana – por exemplo, motivos de entorpecimento ou busca desesperadora de satisfação pessoal para seu encobrimento.

Questões como o excesso de intelectualização dos indivíduos; a carência de referências para a formação moral; os novos valores que vêm sendo impostos

pela sociedade e que, conseqüentemente, são reproduzidos pelos aparelhos ideológicos do Estado; os avanços tecnológicos e o impacto ambiental, bem como os reflexos da degradação do meio ambiente para o desenvolvimento desenfreado das ambições do homem (leia-se *tsunamis*, aquecimento global, desequilíbrio ecológico, desmatamento, entre outros) estão direcionando o mundo a um processo de desencantamento.

Os progressos da tecnologia estão reduzindo o espaço das virtudes, como o amor à sabedoria, prudência, justiça, valor e, principalmente, à temperança, comprometendo as relações.

Viver em um mundo tão complexo e contraditório está cada vez mais difícil. Porém, depois de apontarmos a dimensão sombria do século XXI, no que tange ao nosso alcance, podemos lançar mão da Educação como uma ação intencional, política e de longo prazo para trazer luz, esperança e transformação ao contexto atual.

Sociedade nova, homem novo, mulher nova, todas estas eram – e continuam a ser – expressões incorporadas à linguagem de transição revolucionária. Parecia, como continua a me parecer, importante chamar a atenção para o fato de que o surgimento da sociedade nova – como do homem novo e da mulher nova – não resulta de um ato mecânico. A sociedade nova é partejada, não aparece por decreto ou automaticamente. E o parto, que é processo, é sempre mais difícil e complexo do que simples e fácil. (FREIRE, 2006: 68).

Muitos devem estar se perguntando *se a educação sempre existiu e existe até hoje, o que há de novo?* Para responder esse questionamento, nada mais justo do que explicitar o conceito de Educação.

A Educação é um processo que se realiza por meio da interação entre o homem e o meio em que vive, atribuindo significados e desenvolvendo esquemas a partir dos estímulos que recebe, bem como os elementos culturais que são transmitidos pela família, escola, igreja e outras formas de socialização.

As funções psicológicas superiores são construídas através das **interações sociais**, cuja origem situa-se no trabalho cooperativo para a sua sobrevivência. Portanto, a consciência humana é um **produto da cultura, construído no processo histórico do homem vivendo em sociedade**. (KOLYNIK FILHO, 1995:26).

Por sua vez, a Educação não pode ser compreendida como um simples ato de doação dos conteúdos programáticos do educador ao educando, mas sim, como um ato interativo, onde o educador reconhece a importância de conhecer seus alunos a fundo, mergulha em busca das necessidades de cada um, problematiza e estimula para que participem ativamente do processo de construção do conhecimento real e significativo. Ou seja, o professor é um facilitador de aprendizagem, que não despeja o conhecimento em cima dos alunos tampouco eufemiza esse processo a ponto de ser "indolor". A aprendizagem significativa é sentida, pois considera a subjetividade do indivíduo como elemento central do processo.

Aprender é um elemento inerente ao processo educativo, assim como a água é inerente à existência humana. No entanto, nesta analogia, diferente da água, aprender com prazer tem cor, pois aguça o olhar para o desconhecido; tem cheiro, porque desperta o espírito investigativo e inebria com o aroma da curiosidade e tem gosto, porque aprender movido pela curiosidade tem um sabor único, indescritível, tamanha satisfação.

O professor possui a *dádiva da oportunidade*, de provocar encantamento, para que os alunos se sintam motivados a mergulhar no universo do conhecimento por uma perspectiva pessoal, consciente e repleta de significados, sendo assim, o educando, como elemento central no processo educativo.

O saber, quando construído dessa forma, elucida a necessidade da criticidade e reflexão como possibilidade de transformação da realidade.

De acordo com Kant, *o fim da educação é desenvolver, em cada indivíduo, toda a perfeição de que ele seja capaz* (in PEREIRA, 1976: 35). Claro que existe uma gama de interpretações para o termo perfeição. Diante da impossibilidade de mensurar a capacidade de perfeição de cada aluno, primeiramente optamos por

considerar a perfeição como uma grandeza diretamente proporcional à expectativa da escola em relação ao aluno, para depois, chegarmos à conclusão de que não é viável conceber o juízo de perfeição que o aluno faz de si mesmo (direta ou inversamente proporcional) com o juízo de perfeição que a escola faz e espera do mesmo.

Dessa forma, concordamos parcialmente com a afirmativa de Kant, complementando a finalidade da educação numa perspectiva mais ampla, de *despertar e realizar, em cada indivíduo, o desejo de desenvolver todas as possibilidades humanas que ele seja capaz: inteligências, valores, atitudes em direção a maior autonomia e responsabilidade consigo e com o outro.*

Educar é libertar o homem do conformismo, é construir passando a reconhecer a história dos alunos, como elemento essencial à prática pedagógica. A identidade cultural deve ser respeitada e valorizada, pois do contrário, sem levar em conta as experiências vividas pelos educandos antes de chegar à escola, o processo será qualitativamente em vão, carente de significação real.

Somente pelo diálogo, pelas trocas que se estabelecem no ambiente educativo, é possível que se constitua a verdadeira comunicação da aprendizagem, entre pessoas que sentem, desejam e partilham em intersubjetividade. Para que a escola realmente exerça a prestação de serviços educacionais com coerência, valorização do grupo, qualidade de ensino e valores, a gestão não poderia ser diferente. As escolas de hoje desempenham um papel cada vez mais complexo na sociedade e a gestão, necessariamente, deve acompanhar e se adaptar a essas mudanças.

A Gestão Democrática representa uma inovação na concepção de gestão escolar e de educação, pois, além de ser um excelente exemplo de cidadania e participação para seus alunos, articula interesses coletivos, de forma a melhorar o projeto pedagógico, a qualidade de ensino e o clima organizacional da escola.

Compartilhar responsabilidades, incentivar a participação e respeitar as opiniões divergentes são práticas enriquecedoras para a equipe, comunidade escolar e local, pois ajudam a desenvolver competências e proporcionam

mudanças significativas na vida das pessoas, que passam a se responsabilizar por tudo que representa o interesse coletivo.

Atitudes como a descentralização do processo decisório, a mobilização, a organização e a articulação das condições materiais e humanas para garantir os avanços da escola, são fundamentais para que se atinja o objetivo final da gestão, que é a garantia dos meios para a aprendizagem efetiva e significativa dos alunos.

2. Específica

De acordo com VALLS (1994), a ética é compreendida tradicionalmente como um estudo e/ou reflexão, científica ou filosófica sobre os costumes ou ações humanas. A própria vida também pode ser chamada de ética quando vivida conforme os costumes considerados corretos. Na sociedade, costumes e valores não são os únicos elementos que variam de um povo a outro, mas também as próprias normas concretas, ideais e a sabedoria subjacente.

A reflexão sobre a ética surgiu como pesquisa sobre a origem do bem moral na Grécia Antiga, onde buscavam o princípio da conduta e, a partir do contexto religioso, puderam extrair muitas idéias éticas, como *conhece-te a ti mesmo*, por exemplo.

Os problemas teóricos da ética podem ser divididos em dois campos, embora na vida real não apareçam separados. O primeiro campo trata dos *problemas gerais e fundamentais*, como liberdade, consciência, bem, valor e leis, por exemplo. O segundo campo, por sua vez, trata dos *problemas de ética profissional*, tendo a ética política, ética sexual, ética matrimonial e bioética como exemplos.

Um aspecto muito interessante que o autor levanta é a hipótese de existir uma ética absoluta, afirmando que, mesmo nos dias de hoje, numa mesma sociedade, está cada vez mais difícil enxergar diferenças nítidas entre os costumes das classes.

Como efeito, uma boa teoria ética deve caminhar no sentido da universalidade, e ao mesmo tempo, ser capaz de explicar as variações de comportamento e características das diferentes formações histórico-culturais.

Kant (1724-1804) e Sócrates (470-399 a.C) – o fundador da moral, são filósofos importantes por compartilharem essa dimensão, embora a metodologia fosse diferente. A filosofia transcendental era utilizada por Kant com o intuito de encontrar no homem condições que tornassem possíveis o conhecimento verdadeiro e o agir livre.

Para ele, os conteúdos éticos não são dados externamente, portanto, o que cada indivíduo tem é o *imperativo categórico* – que nada mais é do que o modo de agir do praticante, que não só pratica, como acha digno de se tornar uma lei universal. Ou seja, o proceder de uma pessoa (segundo ela mesma) é de tal forma que ela deseja receber do próximo, como uma lei a ser cumprida por todos.

Sócrates fazia um verdadeiro interrogatório ao interlocutor até ele chegar à verdade por ele mesmo, por meio de suas próprias respostas. Esse método ficou conhecido como *maieutica*, cuja prática fazia do filósofo uma espécie de *obstetra das idéias*.

Os esforços do filósofo na busca da verdade o levaram a ser julgado e condenado a beber um veneno letal, o que o autor questiona se o veredicto foi justo, uma vez que Sócrates obedecia às leis, mas nem por isso deixava de questioná-las na busca de validação.

Mas nem por isso o pensamento foi extinto, já que seus discípulos deram continuidade ao legado, especialmente Platão (427-347 a.C), que se diferenciou dos demais por ter sistematizado muito dos pensamentos socráticos.

O quadro das diferentes virtudes, organizado por Platão, é muito interessante pela preocupação de perseverar em busca da ética, pois o cerne do estudo é a compreensão de que a verdadeira felicidade é conquistada pela virtude. Portanto, as virtudes eram analisadas de forma contínua e considerando seus mínimos detalhes.

De acordo com o quadro, as principais virtudes são:

- Justiça (*dike*): virtude geral; ordena e harmoniza, aproximando-nos ao divino;
- Prudência e/ou sabedoria (*frônesis* ou *sófia*): virtude própria da alma racional; a racionalidade como o divino no homem, que orienta para os bens divinos;
- Fortaleza e/ou valor (*andréia*): força que faz as paixões mais nobres predominarem; subordina o prazer ao dever;
- Temperança (*sofrosine*): virtude da serenidade; harmonia individual e autodomínio.

O ser do homem é visto como uma substância composta de *corpo material* e *alma espiritual*. Pelo corpo estar sujeito às paixões, logo, a alma precisa desenvolver bons hábitos, pois a virtude é uma força adquirida, um costume que não surge espontaneamente da natureza.

O ideal ético – para alguns gregos, estava em duas possibilidades. Ou na *felicidade*, compreendida como uma vida organizada, virtuosa, na qual as capacidades superiores do homem sejam a preferência, porém, sem desprezar as demais capacidades; ou na busca teórica e prática da idéia do Bem.

Para outros gregos, o ideal ético estava no viver de acordo com as leis da natureza; adotada por teólogos cristãos como viver de acordo com as leis de Deus através da natureza, vivendo em harmonia cósmica.

Havia também o ideal ético dos epicuristas, no qual a vida deveria ser voltada para o prazer; para a sensação de *bem-estar* e nesse caso, a temperança era uma virtude essencial à própria vida de prazer, que, cometendo excessos, acaba gerando desprazer.

No ponto de vista do cristianismo, o ideal ético é pautado em uma vida espiritual, vivida para amar e servir a Deus.

A partir do Renascimento e a busca de uma hegemonia imposta pela burguesia em crescimento, outros aspectos da ética foram levantados, onde o ideal seria viver com autonomia, de acordo com a própria liberdade pessoal.

A reflexão ético-social da época trouxe uma interpretação relevante e muito pertinente por sinal. Hoje em dia a maioria das pessoas já não se comportam mais de forma ética por conta da massificação, e isso não significa que vivem imorais, e sim, amoralmente.

Isso acontece devido ao poder dos meios de comunicação de massa e das ideologias; espaços onde já não permitem mais a existência de sujeitos conscientes, participativos, livres e de consciência capaz de fazer julgamentos.

O autor também faz menções ao Hegel por ter sinalizado que a liberdade se realiza eticamente dentro das instituições históricas e sociais, como a família, sociedade civil e o Estado; concluindo com uma frase do Hegel que, em linhas gerais, fala que a realidade da idéia ética efetiva é o Estado.

Em suma, os grandes problemas éticos da atualidade estão nesses três momentos citados anteriormente (família, sociedade civil e Estado), levando-nos a crer que eles não devem ser ignorados para chegar a uma ética concreta. Ou seja, a partir do momento que se identifica o *foco* dos problemas éticos, a solução poderá ser encontrada nele mesmo. São as próprias instituições históricas e sociais que devemos observar para, a partir delas, caminharmos no sentido de mudança.

Para aprofundarmos o que já foi lançado a respeito da moral na Introdução deste trabalho, de acordo com PEREIRA (1991), *moral* diz respeito a todas as ações realizadas pelo homem (ex.: comportamento, fatos) que ele agregou em si mesmo, que acrescentou à sua conduta por ter ganhado sentido; enquanto *imoral* também diz respeito a toda e qualquer ação realizada pelo homem, porém, ele realiza porque não agregou sentido em si mesmo. Ou seja, *moral* é o conjunto de ações significativas para o indivíduo e *imoral* é o conjunto das ações insignificantes.

Naturalmente, torna-se praticamente impossível não refletirmos sobre nossas ações, como uma tentativa consciente de desvendar a moral que habita em cada um de nós. Pela compreensão da subjetividade atrelada aos conceitos, acreditamos que não existe uma moralidade universal, porque cada indivíduo absorve e agrega hábitos de acordo com a sua intencionalidade e livre-arbítrio ao longo da vida, ainda que tenha recebido tentativas de moralização externa pela imposição de ensinamentos.

Sob a luz de PIAGET (*in* MACEDO, 1996a), a moral não existe dentro de um indivíduo que não tenha experienciado a educação moral propriamente dita, pois na medida em que o indivíduo (enquanto criança) se relaciona com outras pessoas, vai elaborando a sua realidade. Dessa forma, não existe uma única moral nem tanta diversidade como nas relações sociais que se estabelecem entre a criança e o ambiente. Para essa afirmativa, Piaget toma como exemplo que, em geral, existem duas morais que surgem da pressão de diferentes relações interindividuais: o *respeito unilateral* e o *respeito mútuo*.

Esses conceitos são muito distintos na infância e se combinam entre si a partir da adolescência. Para o autor, compreendê-los é fundamental, pois eles se desenvolvem na infância e se encontram igualmente no adulto, onde a dualidade toma outra forma.

O *respeito unilateral* é determinado pela imposição do maior para o menor, a exemplo da relação entre pai e filho, irmão mais velho e mais novo, etc. Existe uma desigualdade entre quem é respeitado e quem respeita por meio da relação social envolvida. Neste caso temos a *relação de coação*, o primeiro tipo de relação existente.

O *respeito mútuo* nada mais é do que o contato entre dois indivíduos que se vêem de forma recíproca através da *relação de cooperação*. Esse é o segundo tipo, onde não existe coerção e a *cooperação* é o elemento central das relações ou entre crianças ou entre adolescentes, como jogos com regulamentos ou discussões sinceras.

Piaget afirma que a *relação de coação* gera resultados diferentes na formação moral do que os resultados obtidos pela *relação de cooperação*.

Ele afirma que o *respeito unilateral* somado à *relação de coação* resulta na sensação de dever, porém, como isso só acontece pela pressão do adulto sobre a criança, isso torna essa formação moral *heterônoma*. Ou seja, só existe na presença de um estímulo externo.

Já o *respeito mútuo* somado à *relação de cooperação* gera um resultado bem diferente. A igualdade entre os indivíduos constitui um sentimento profundo, um sentimento do Bem, portanto, a formação moral é *autônoma*, não precisa de nenhuma pressão externa para existir.

Partindo daí, surgem inúmeras perguntas, especialmente relacionadas à pedagogia moral extrema, difundida por Émile Durkheim (1858-1917). Será que é possível chegar à moral *autônoma* sem que o indivíduo tenha passado pela moral *heterônoma*? E as crianças pequenas, em contato exclusivo com seus semelhantes. Seriam capazes de desenvolver o *respeito mútuo* e a *cooperação* por conta própria? Constituiriam a moral necessária para viver em uma sociedade

adulta? Questões como essas ainda estão sem respostas por falta de pesquisas a respeito, mas não deixam de ser excelentes provocações.

Esses dois tipos de atitudes morais – *heteronomia* e *autonomia*, conforme mencionamos acima também existem no adulto, porém suas características são diferentes. A moral da *heteronomia* e do *respeito unilateral* na criança, por exemplo, se aproxima muito à moral dos tabus e interdições no adulto, embora esse aspecto moral seja comum nas sociedades primitivas, onde o respeito aos costumes transmitidos pelos antigos está acima de qualquer temperamento ou personalidade.

Ao contrário, a moral da *cooperação* é relativamente recente, assim como o individualismo civilizado de solidariedade. Esse detalhe fica claro se pensarmos na sociedade de hoje, onde a cooperação é o próprio conteúdo da moral.

Para Piaget, a educação moral parece orbitar entre as fontes essenciais da vida moral da criança: o *respeito unilateral* e o *respeito mútuo*; e deve ter procedimentos ativos de aprendizagem.

A *escola ativa* é uma concepção de ensino baseada na aprendizagem em que os conteúdos a serem estudados não surgem de fora para dentro dos alunos. Por meio de investigações, os alunos aprendem de forma *espontânea*, participando como seres ativos no processo de construção do conhecimento.

Nessa escola, a educação moral não é uma matéria específica porque sua dimensão abrange a totalidade do sistema de ensino, supondo que o aluno realiza um esforço de caráter e condutas morais em cada uma das disciplinas e gera um conflito entre a inteligência e a articulação de interesses.

A *escola ativa*, além de não utilizar a autoridade para impor o que as crianças são capazes de descobrirem sozinhas, constrói um ambiente para que elas possam viver suas experiências no meio social infantil.

O autor faz uma interpretação interessante sobre a carência de benefícios da educação moral por procedimentos verbais, atribuindo o problema ao fato das “lições de moral” não fazerem sentido a *nenhum* aspecto da realidade da criança. A alternativa para reverter este impasse é compreender que o ensinamento oral

surte efeito se *tocar* as emoções da criança; vindo somente *depois* da experiência vivida.

Portanto, Piaget reforça esta idéia dizendo que só devemos falar de moral se for a respeito de experiências vividas pelas crianças, justificando que a “lição” neste caso, é o compartilhamento de peripécias do grupo, por exemplo. Até mesmo porque seria muito difícil fazer uma criança se interessar por uma questão levantada se ela não *conhece* a pessoa de quem estão.

O autor conclui que existem muitos procedimentos para o desenvolvimento moral dos alunos, mas, se o objetivo da educação é formar um indivíduo *autônomo*, que reflete sobre suas próprias experiências, compartilha e constrói valores com seus semelhantes, devemos repensar a formação pela perspectiva da *escola ativa*.

A escola é, inegavelmente, um ambiente que transmite ensinamentos de cunho moral, seja através de regras de convivência e respeito ao professor enquanto autoridade como através de “lições de moral”, que brotam do discurso espontâneo do educador. Este, na maioria das vezes, não possui muita clareza em relação ao seu papel na formação moral dos alunos, o que resulta em ensinamentos baseados na improvisação pura, sem nenhum objetivo educacional a ser atingido.

Compreendemos que é possível privilegiar a educação moral baseada na realidade dos alunos – sejam crianças ou adolescentes, fazendo com que o sistema de ensino como um todo se mobilize para atingir este objetivo. O planejamento de ensino é uma ferramenta essencial para que a educação moral seja desenvolvida por todas as disciplinas, sendo o grande eixo-vertebrador da aprendizagem.

O desenvolvimento moral também foi objeto de estudo para Lawrence Kohlberg (1927-1987), psicólogo norte-americano que desistiu da Psicologia clínica após conhecer e se encantar pelas teorias de Piaget. Essa influência o tornou pesquisador na área de desenvolvimento moral em crianças e adolescentes.

De acordo com BIAGGIO (2002), graças ao construtivismo piagetiano e o aspecto cognitivo-evolutivo kohlberguiano surge o papel do sujeito como agente do próprio processo moral, focado no conhecimento e julgamento do que é certo ou errado. Podemos encontrar na teoria de ambos a possibilidade de *autonomia* para atingir valores universais sem a necessidade de introjeção moral da sociedade sobre os indivíduos.

Kohlberg construiu uma escala com seis estágios de desenvolvimento moral com base na escala do desenvolvimento cognitivo de Piaget, que possui quatro estágios (*sensório-motor, pré-operacional, operações concretas e operações formais*). A teoria de ambos acredita que a seqüência de estágios é universal e acontece na mesma ordem, não importando a cultura ou o tipo de pessoa. A única variável é o fato de que nem todos atingem o nível máximo.

O desenvolvimento moral é organizado em três níveis:

- *pré-convencional*: composto por crianças até 9 anos de idade, alguns adolescentes e inúmeros criminosos adolescentes e adultos. A principal característica é a ausência do entendimento e do respeito às normas morais e expectativas do coletivo.
- *convencional*: composto pela maioria dos adolescentes e adultos. É caracterizado pelo indivíduo que internaliza ou se identifica com as normas morais e expectativas dos outros.
- *pós-convencional*: composto por 5% dos adultos a partir dos 20 - 25 anos. Caracteriza-se pelo sujeito que é capaz de diferenciar as regras e expectativas dos outros de si mesmo, que define princípios e age de acordo com os próprios valores morais.

Dessa forma, o desenvolvimento moral possui três níveis, onde cada um é composto por dois estágios que veremos a seguir. Antes, vamos apresentar o

método que Kohlberg utilizou para desenvolver a sua teoria, pois sem ele não é possível compreender o estudo.

Para descobrir o tipo de *pensamento* subjacente a cada estágio de julgamento moral, Kohlberg aplicou várias vezes um teste que continha três dilemas morais e analisou as respostas. O dilema de Heinz é o mais conhecido dentre os propostos pela Avaliação de Entrevista de Julgamento Moral, instrumento de pesquisa conhecido como MJJ (*Moral Judgement Interview*).

O dilema contava a história de Heinz, cuja esposa estava à morte devido a um câncer. Para os médicos, existia um remédio que poderia salva-la, mas o marido encontrou sendo vendido dez vezes mais caro que o preço de fabricação. Ele pediu dinheiro emprestado a todos os conhecidos e conseguiu juntar metade do valor cobrado pelo farmacêutico. O homem explicou que sua esposa estava à beira da morte e sugeriu que o remédio fosse vendido mais barato ou que pudesse pagar metade no ato da compra e o restante depois, mas o farmacêutico alegou que tinha descoberto o remédio e que ia enriquecer com ele. Num ato de desespero, Heinz assaltou a loja para roubar o remédio e salvar a esposa.

A partir do dilema, questões eram apresentadas: *o marido deveria ter feito isso? Porquê? E se ele não gostasse da mulher, ainda assim deveria roubar o remédio? E se fosse um amigo? Você acha que as pessoas devem fazer tudo para obedecer à lei?*

Em linhas gerais, Kohlberg estipulou dois estágios de desenvolvimento por nível, onde cada um funciona como pré-requisito para avançar ao nível seguinte. O primeiro estágio de nível *pré-convencional* é o de *orientação para a punição e a obediência*, onde a moralidade é definida de acordo com a punição em que cada ação implica. Ou seja, a moralidade existe por conta da relação de poder como manutenção. Ações moralmente incorretas trazem conseqüências físicas ao praticante e, quando corretas, garantem sua integridade.

Usando o dilema de Heinz como referência, nesse estágio é muito comum respostas em que o marido estava certo de roubar o remédio para salvar a esposa caso não fosse pego em flagrante.

O segundo estágio *pré-convencional* é o do *hedonismo instrumental relativista*, no qual a ação moralmente correta se manifesta com base nas sensações de prazer e satisfação pessoal. Uma característica marcante desse estágio é o egocentrismo, onde o sujeito age de forma a suprir suas necessidades e não conhece ou não compreende regras, além de competir exageradamente pela falta das noções de igualdade e reciprocidade. Sobre o dilema de Heinz, o julgamento de que o marido deve roubar para salvar a mulher porque ele precisa dela para cozinhar é completamente egoísta. É muito comum o sujeito desse estágio praticar atos morais como uma forma de obter benefícios para seu bel-prazer.

A partir do momento em que o sujeito supera as limitações apresentadas no nível *pré-convencional* ele chega ao *convencional*, onde o terceiro estágio é o da *moralidade do bom garoto, de aprovação social e relações interpessoais*.

Nesse estágio, o sujeito se comporta de um jeito estereotipado para receber a aprovação dos outros. Apesar de compreender o princípio de *fazer ao outro o que gostaria que fizessem com você* o egocentrismo ainda está presente. Aqui podemos apresentar dois exemplos de resposta a respeito do dilema. Uma, a favor do roubo porque *se ele não roubasse, seus amigos achariam que ele é um cara mau, deixou a mulher morrer*, e outra contra, porque *se ele roubar, seus amigos vão achar que ele é ladrão, e não vão mais gostar dele*. Podemos perceber que ambas estão no mesmo estágio de desenvolvimento moral porque não importa se a resposta foi a *favor* ou *contra* o roubo e sim a *justificativa* dada à escolha.

O quarto estágio é o da *orientação para a lei e a ordem*, onde estão a maioria dos adultos. Existe grande respeito pela autoridade, pelas regras fixas e pela manutenção da ordem. A idéia de justiça e do cumprimento do dever não permanece apenas entre indivíduos mas também entre o indivíduo e o sistema, porque a ordem social não é uma questão de escolha pessoal moral. Ainda que nesse estágio a resposta sobre o dilema seja a favor do roubo, o sujeito não deixa de enfatizar o caráter *excepcional* da atitude tomada e a importância do respeito às leis.

Conforme mencionamos anteriormente, cerca de 5% dos adultos compõe a minoria que supera as limitações do nível *convencional* e alcançam o nível *pós-convencional* – o ponto máximo do desenvolvimento moral da teoria kohlberguiana.

O nível *pós-convencional* tem a *orientação para o contrato social* e os *princípios universais de consciência* como o quinto e sexto estágio do desenvolvimento moral, respectivamente.

No estágio de *orientação para o contrato social*, as leis não são aceitas como regras fixas, porque o indivíduo sabe que nem todas as leis e costumes são justos e acredita que isso deve ser mudado através de recursos legais e contratos democráticos. Enfatizam a necessidade do sistema público de saúde e de leis que moderem a lucratividade em algumas atividades. Voltando ao dilema de Heinz, quem chega a esse estágio geralmente acha que deveria existir uma lei de proibição ao abuso do farmacêutico.

Após a superação da *orientação para o contrato social*, mencionada há pouco, chega-se ao estágio dos *princípios universais de consciência*, onde o indivíduo reconhece os princípios morais universais da consciência individual e age de acordo com eles. As injustiças admitidas e a perspectiva de mudança desenvolvidas no estágio anterior permanecem, porém, na impossibilidade de modificar as leis injustas pelos recursos legais e contratos democráticos (como fazia no estágio anterior) o sujeito exerce a moralidade da desobediência civil, que nada mais do que agir de acordo com os seus princípios; não hesitando em oferecer *resistência* às leis e injustiças. Aqui residem pacifistas, revolucionários e pessoas que permanecem fiéis a seus valores e não se conformam com o poder arbitrário, que promove injustiças. Mahatma Gandhi, Martin Luther King e Jesus Cristo são alguns representantes desse estágio.

A teoria kohlberguiana foi fundamental para reforçar a nossa idéia de que é possível elaborar um projeto educacional que privilegie a formação moral dos alunos sem que haja ensinamento moral verbal, sem conexão com a realidade dos alunos. Acreditamos que as escolas, em geral, por mais que tenham valores em seus projetos pedagógicos, não se deram conta da nova demanda social imposta

às escolas, que é a *formação moral* do estudante. A sociedade e a família não estão mais dando conta da tarefa, e as escolas precisam tomar *posse* dessa nova função, que agora, tem o *dever* de ser intencional, com objetivos e propostas de trabalho para desenvolver os alunos de acordo com suas possibilidades. Ou seja, promover a educação ética parece ser o grande desafio das escolas do século XXI. O ensinamento moral sempre fez parte do processo educativo, entretanto, a *forma* como essas questões surgem e são abordadas não privilegia a reflexão individual do aluno, tampouco em grupo.

A educação moral, que antigamente estava nas mãos da igreja ao lidar com questões individuais e nas mãos da escola para a educação moral e cívica (formação do patriota); hoje é vista de forma mais ampla, principalmente por conta da globalização e a solidariedade na comunidade maior.

Se almejamos formar cidadãos autônomos, a introdução da ética como tema transversal ao currículo escolar é a melhor opção porque o aluno realizará seus esforços de caráter em todas as disciplinas. É preciso romper com a visão de que a educação moral só acontece enquanto disciplina do currículo oficial escolar. O objetivo é fazer da ética um elemento vivo no cotidiano escolar. O ensinamento moral sempre fez parte do processo educativo, entretanto, a forma como essas questões eram trabalhadas não privilegiavam a reflexão individual, conforme vimos em Piaget.

Focando o desenvolvimento moral e a educação que privilegia a autonomia do aluno, introduzimos a pedagogia dos projetos como um caminho possível para esse fim, pois pretende trabalhar os conteúdos escolares de forma articulada e os alunos aprendem pela *ação* propriamente dita.

De acordo com HERNÁNDEZ (1998), o projeto não é um *método* porque essa palavra acaba representando um percurso prefixado, com passos demarcados e o objetivo é alcançado se seguido fidedignamente.

Na verdade, não existe um único caminho. Cada projeto se realiza de forma diferente e não compartilha da idéia *de que se deva ensinar das partes ao todo, e que, com o tempo, "o aluno estabelecerá relações"* (Hernández, 1998, p. 67).

Os benefícios dos projetos de trabalho são muitos, principalmente porque a aprendizagem acontece de forma prática e o conhecimento adquirido na escola deixa de ser fragmentado, alheio aos problemas da vida *real* dos estudantes. A propósito, o professor atua como *facilitador* no processo de conhecimento e os alunos desenvolvem a autodireção nas investigações; a habilidade de lidar com situações-problema; a tomada de decisão de acordo com a relevância das informações e a comunicação interpessoal, tendo maior desenvoltura diante de discussões e opiniões divergentes, muito comuns porque esse percurso privilegia a análise crítica e a interpretação de diferentes pontos de vista.

Como vemos, essa proposta é uma inovação no currículo escolar, de modo que a inserção da ética pode impregnar todas as disciplinas, quebrando a fragmentação entre uma matéria e outra e promovendo a formação de valores, levando em consideração as necessidades e interesses da comunidade escolar. Dentre as modalidades, ARAÚJO (2003) nos sugere a *transdisciplinaridade* como a dinâmica mais recomendada para o ensino da ética na escola, bem como outros temas do cotidiano na escola.

A organização do currículo teria a ética como *finalidade* do sistema educacional, enquanto as disciplinas seriam o eixo temático, o caminho a ser percorrido. Em outras palavras, se o objetivo da escola é a formação do sujeito ético-moral, por exemplo, esse objetivo será alcançado por meio das disciplinas oficiais, que estarão direcionadas para esse fim.

Acreditamos que essa visão de educação promove uma transformação generalizada – tanto no currículo escolar como na atuação dos professores, funcionários, alunos, direção e comunidade. É importante trazer para dentro da sala de aula os temas cotidianos, preocupações dos alunos e até mesmo dos pais, de modo que a educação em valores caminhe no sentido de colaborar para que o próprio indivíduo busque a solução, agindo com intencionalidade porque o assunto *diz* respeito às questões da vida dele.

Nos Parâmetros Curriculares Nacionais, os temas transversais também são sugeridos para serem adotados pelas escolas, que, de acordo com o documento, há "questões urgentes que devem necessariamente ser tratadas, como a

violência, a saúde, o uso de recursos naturais, os preconceitos, que não têm sido contempladas por essas áreas" (Brasil, 1997a, p. 23). Este documento não tem caráter obrigatório, mas vêm sendo cada vez mais utilizado pelas instituições de ensino como referência curricular. Dentre os temas transversais sugeridos, estão ética, saúde, orientação sexual, meio ambiente e pluralidade cultural.

Promover essa proposta inovadora envolve um planejamento educacional bem estruturado e que seja construído coletivamente pela comunidade escolar, pois é importante que todos os profissionais da escola estejam envolvidos e cientes dos novos caminhos, para onde a escola *vai* e de que *forma*, de modo a atender as necessidades tanto da sociedade quanto do próprio indivíduo.

De acordo com GADOTTI (2004), não é possível construir um projeto sem uma direção política, um rumo, o que torna esse documento um projeto pedagógico e também *político*. Ele representa uma etapa importante da escola em direção a um horizonte almejado por toda a comunidade, com autonomia para construí-lo de forma interdisciplinar, além de executar, avaliar o andamento e inovar com a implantação da Gestão Democrática – dando não só um exemplo de cidadania, mas garantindo a legitimidade do projeto-político-pedagógico.

III. PROCEDIMENTOS METODOLÓGICOS

Este trabalho é exploratório, de natureza qualitativa e é desenvolvido na perspectiva fenomenológica. A natureza qualitativa-fenomenológica se justifica por trabalhar com a experiência discursiva dos sujeitos, valorizando a percepção dos mesmos sobre a temática em questão. Buscará descrever diferentes visões acerca da contribuição da Educação Básica na formação ético-moral dos estudantes.

Para efetuar este trabalho, resgatamos algumas informações para se constituírem como marco teórico, como as concepções de ética, educação, moral, gestão democrática, desenvolvimento moral e planejamento, que embasaram nossa coleta de dados. Depois desse estudo teórico, que apoiará nossa pesquisa de campo, levantaremos dados a partir de alunos ou ex-alunos do Ensino Médio.

Para tanto, tomaremos como universo de pesquisa escolas da rede pública e particular de ensino da cidade de São Paulo (SP). Os sujeitos envolvidos na pesquisa (em uma amostra de cinco alunos e cinco ex-alunos) serão entrevistados por meio de questionário aberto (vide sessão de anexos), na própria instituição de ensino ou por meio de comunicação eletrônica (*e-mail*). Depois de realizadas as entrevistas e as pesquisas bibliográficas, faremos a descrição compreensiva e apresentaremos o Projeto Educacional como proposta de intervenção que privilegia a formação do sujeito ético-moral.

As considerações finais serão feitas, tendo em vista a análise dos dados de campo e a importância deste Projeto enquanto alternativa para encaminhar o problema de pesquisa.

IV. DADOS DE CAMPO

Para realizarmos nossa pesquisa, entrevistamos cinco alunos do Ensino Médio. Três deles (identificaremos aqui como AA, AB e AC, para facilitar a descrição e análise dos dados coletados) estudaram nas redes pública e particular de ensino, enquanto outros dois (Aa e Ab) somente na rede particular de ensino. Todos são de escolas diferentes, cursando entre o 1º e o 2º ano.

1. Entrevista com alunos

Começaremos a apresentação dos dados pelos alunos oriundos da rede pública e particular.

O estudante AA acredita que essa fase escolar é importante para adquirir conhecimentos básicos. “Mais para formar em mim um alicerce, uma base pra que eu possa ter conhecimento de todas as outras áreas e seguir o meu caminho”.

Para ele, existem muitas diferenças entre a educação oferecida na rede pública e privada de ensino. “Pude estudar nas duas, e há um grande abismo, infelizmente na parte cultural como na infra-estrutura...”. Sobre as contribuições que a Educação Básica têm proporcionado a ele, acredita que o “saldo positivo talvez seja mesmo o fator social, da socialização e da vida em comunidade”.

Para o estudante AB, a escola fornece o básico. “Foi um período onde tive base para formação geral”. Com o aparecimento de alguns imprevistos, precisou sair e atualmente está na rede pública. “Apesar da deficiência do ensino”.

Com conhecimento de causa, acredita que não existem diferenças a respeito do tipo de rede de ensino, e sim entre os alunos. “Existe diferença de comportamento, porém não é por ser de escola pública ou particular, mas pelo meio social em que cada aluno está inserido”. Uma das lembranças amargas dentro de escolas, para ele está relacionada ao perfil dos professores. “Era normal ver professores sendo negligentes com os alunos, prejudicando seu aprendizado, o que contribuiu com que eu percebesse a necessidade de adquirir conhecimento por conta própria”.

AB decreta: “a educação básica não contribuiu diretamente para minha formação ético-moral, os valores que a escola agregava ao aluno hoje já foram perdidos”. Mas, no fim das contas, ele refletiu um pouco mais e conseguiu apontar alguns valores adquiridos. “Respeito ao professor; respeito ao próximo e a importância das relações interpessoais”.

Para o entrevistado, após o Ensino Médio não sentirá mudanças significativas. “No Ensino Superior, no meu entendimento, a formação ético-moral do indivíduo já está formada”.

O estudante AC acredita que a escola é necessária. “Estudei em colégio público mas hoje estudo em privado. A época escolar é importante para ter uma base sólida intelectual, para dar continuidade na vida e aprendizado”.

Para ele, não existem grandes diferenças entre escola pública e particular. “Não vi muita diferença, pois estudei em escola pública de um bairro de classe média e a particular que estou é de periferia, o ensino e o comportamento das pessoas eram muito parecidos”. Relatou uma lembrança interessante na vida escolar. “Tenho uma lembrança bem negativa de uma professora que me deu aula na 4ª série, que me disse, que iria me aprovar, mas que dificilmente eu sairia da série seguinte. Isso marcou profundamente, no meu caráter no sentido de quanto mais as pessoas duvidam de mim, mais quero provar o contrário, quando não há ninguém duvidando, não vejo desafios”.

Para AC, a escola não contribui na educação com valores. “Acredito que valores ético-morais, não são adquiridos na escola e sim com a família”.

Ao pensar como o Ensino Superior contribuiria na formação ético-moral, crê na formação meramente profissional. “Acho que o ensino superior vai me fazer profissional, pra trabalhar no mercado. Mas em relação a valores éticos, continuo com a opinião de que esses valores vêm de berço, ou seja, você aprende com a família, talvez um pouco com o ambiente que o cerca, mas não numa instituição de ensino”.

Dos dados colhidos entre os alunos da rede particular de ensino, a estudante Aa afirma que sua passagem pela Educação Básica tem sido um tanto difícil. “Eu sei que estudo em um bom colégio, mas não gosto muito porque passo

quase o dia inteiro estudando. Aí, pro que eu gosto de fazer mesmo, quase não sobra tempo”. Para ela, as diferenças entre as redes de ensino não existem. “Podemos ver todos os tipos de comportamento em ambas escolas. Acredito que o lugar não influencia o comportamento pois se a pessoa já tem características de ser influenciável ela pode estar no melhor colégio do mundo que ela pode adquirir bons ou maus costumes”.

Para o estudante *Ab*, a fase escolar é especial pelas relações. “Acho legal, tenho muitos amigos aqui e estou ficando com muitas minas legais”. Para ele existem diferenças entre a rede pública e particular, “principalmente pela qualidade dos professores e instalações”. Dentre suas lembranças marcantes, o amadurecimento nas relações interpessoais é a mais significativa. “A gente demora pra conseguir lidar com elas... na escola eu aprendi a ser mais educado pra impressionar as meninas (*risos)”. *Ab* acredita que a Educação Básica é importante, “principalmente pelas experiências pelas quais eu passei no ensino fundamental, de amigos, de não ter que preocupar com nada. A vida era bem mais fácil”. Com relação aos valores apreendidos, não soube elencar, mas acredita que vai conquistar alguns no Ensino Superior. “Acho que vou ter que ser mais responsável. Ainda não cheguei lá!”.

2. Entrevista com ex-alunos

Como amostra, entrevistamos cinco ex-alunos do Ensino Médio. Três deles (identificados como BA, BB e BC) estudaram em escolas das redes pública e particular de ensino, um estudou em escola pública (Ba) e outro na rede pública de ensino (Bb). Todos estudaram em escolas diferentes e iniciaremos a apresentação pelos ex-alunos da rede pública e particular.

O estudante *BA* acredita que a passagem pela Educação Básica foi muito importante para a formação. “Difícil mensurar a importância. É a fase de formação do ser humano de suas primeiras vivências em sociedade. São essas que me ajudaram a chegar aonde cheguei, porém por outro lado muitos envolvidos no mesmo processo não se beneficiaram da mesma forma...”.

Para ele, há muitas diferenças entre a estrutura da rede pública e particular. “A diferença é gritante, tanto na questão organizacional das escolas quanto na vida cotidiana dos alunos, porém estamos falando de seres humanos e os resultados são imprevisíveis em ambos os ambientes”.

Dentre as lembranças, *BA* acredita que as amizades foram marcantes. “Não tenho uma experiência específica mas o que ficou para mim foram as boas amizades que fiz neste período”. Não conseguiu citar valores adquiridos, mas no Ensino Superior foi especificamente profissional. “Valores de conduta profissional e pessoal”.

De acordo com o estudante *BB*, a Educação Básica contribuiu para adquirir independência e consciência corporal. “Eu estudei em escolas da rede pública e privada. Mas fiquei mais tempo em escolas privadas. Este foi o período em que comecei a me interessar realmente pelas garotas, tive várias vivências nos acampamentos da escola e nas festas dos colegas, tive experiências motoras valiosas nas aulas handebol e de Ed. Física na escola. Foi a época em que comecei a ter uma certa independência”.

Para ele, os conteúdos escolares e o comportamento dos alunos são diferentes na rede pública e particular. “No que diz respeito aos conteúdos da educação as diferenças são nítidas: nas escolas públicas existe uma grande

deficiência de conteúdos que são passados aos alunos. Os professores, em geral nas escolas públicas, têm menos compromisso com a educação dos alunos, maior dificuldade de desenvolver boas aulas e são mal pagos. Nas escolas particulares há mais estruturas, e meios para o bom desenvolvimento das aulas e portanto a educação dos alunos pode ser melhor trabalhada. O comportamento também apresenta distinções: os alunos da rede pública em geral são mais independentes, tem um bom repertório motor (apesar de em geral não terem boas aulas de Ed. Física). Já os da particular não são tão independentes e passam mais tempo diante de *video-games*, computadores e televisões e portanto mesmo desfrutando de boas aulas de Ed. Física, não possuem, em alguns casos, um bom repertório motor”.

Dentre as lembranças, *BB* lembra das palavras de um professor. “Uma vez um professor de matemática me ensinou algo que trago comigo até hoje, mesmo não consegui fazê-lo sempre. Ele me disse que para ser um bom aprendiz é necessário ser humilde, pois sem humildade não se aprende direito. Até hoje procuro entender mais sobre o que significa isto, mas tenho muito mais facilidade em aprender”. Para o entrevistado, lhe transmitiram valores importantes. “Aprendi a esperar o momento certo para falar; respeitar a dúvida do colega e respeitar a integridade física do próximo”. Já no Ensino Superior, basicamente são as interações que contribuem. “A Universidade contribui mais pela convivência com os colegas que conheci do que pelas atividades proporcionadas. Com exceção de alguns professores exemplares, que influenciaram de forma positiva na minha formação ético-moral. Saber trabalhar em grupo, etc...”.

Para a estudante *BC*, na Educação Básica os estudantes não têm noção da importância. “Acho que nessa fase da vida, não temos tanta noção do quanto a escola é importante para nossa formação. Acredito que eu me dedicava mais por obrigação, era como a minha mãe dizia, seu pai trabalha e você estuda, são as obrigações de cada um”.

Para ela, não há diferenças entre as redes. “Eu acredito que em todos estabelecimentos de ensino existem crianças bem/mal comportadas”. Dentre as lembranças, carrega um carinho especial pelos professores. “Alguns professores

que se destacavam por darem uma aula diferenciada, com empenho e dedicação. Esses eu guardo na memória para o resto da vida”.

Para a entrevistada, a escola não contribuiu na formação ético-moral. “Acredito que minha formação ético-moral foi feita pela minha mãe, não pela escola”. Entretanto, o Ensino Superior foi fundamental para o amadurecimento e novos valores. “Eu acho que contribuiu demais, pois entramos na faculdade hoje em dia muito cedo, com 18 anos, e os professores que tendem a amadurecer nosso pensamento. Aprendi a ter respeito ao próximo, ética profissional e responsabilidade dos próprios atos”.

Para a estudante *Ba*, ex-aluna da rede pública de ensino, a Educação Básica foi uma fase importante para sua formação básica. “Nessa época tive os primeiros contatos com pessoas de formações familiares e comportamentos diferentes, e tive que realizar atividades didáticas e esportivas”.

Ela acredita que existem diferenças entre os alunos da rede pública e particular. “Os alunos de escola pública muitas vezes têm problemas familiares, como falta de alimentos, carência, violência doméstica, etc., que dificultam o aprendizado e a convivência com os colegas da escola. Na escola particular isso deve ser raríssimo, se é que existe”.

Uma experiência marcante que viveu na escola envolve preconceito. “Uma vez, na 8ª série, uma professora de português deu uma atividade onde cada um escrevia uma palavra que definisse seu colega. O colega passava mesa em mesa recolhendo os papéis fechados, de forma que ele não sabia quem havia escrito. Ao final da aula, um dos alunos que participou da atividade foi falar com a professora. Seus papéis continham muitas palavras de preconceito racial escritas pelos alunos. Na aula seguinte a professora e a coordenadora conversaram com a sala, repreendendo essas atitudes. A experiência me marcou tanto positiva quanto negativamente. Positivamente porque houve correção desta postura, os educadores exerceram a função deles corretamente. Negativamente, porque nunca havia tido contato tão próximo com esse tipo de preconceito e foi confuso porque o aluno que recebeu as ofensas tinha amizade com todos da sala,

sem exceções, logo a agressão verbal não tinha razão pra acontecer. Acho que tinham um preconceito mascarado e uma hora veio à tona”.

Para a entrevistada, aprendeu valores neste período. “A escola contribuiu porque aprendi a respeitar as diferenças, ajudar o próximo e valorizar o coletivo”.

Atualmente, *Ba* está no Ensino Superior público e acredita que está aprendendo novos valores. “A faculdade está proporcionando experiências diferentes dos outros níveis de educação, pois tive aprendizados indiretos (sem interferência direta dos professores). Aprendi que posso assumir a liderança de situações quando me sentir capaz ou seja necessário, a usar o senso crítico também sobre o que dizem os professores. Foi importante entender que devemos nos desenvolver constantemente, procurando melhorar sempre, fazendo outros cursos ou faculdades, por exemplo”.

Para a estudante *Bb*, a escola foi importante pelos laços de amizade. “Graças à Educação Básica, fiz sólidas amizades que ainda duram e que têm bastante significado para mim”. Para ela, existem diferenças em alguns detalhes entre a rede pública e particular de ensino. “Acho que existem diferenças sim, mas são bem sutis e específicas, decorrentes da região onde se estuda, do local em que mora, dos costumes daquela população específica, de uma escola ser considerada melhor e outra pior, etc. Mas de maneira ampla, não há diferença entre o comportamento dos jovens de escola pública e de escola particular. Acredito que ambos tenham os mesmos anseios, dúvidas, sonhos, vivem na mesma sociedade (de uma maneira geral, quero dizer com isso que compartilham, por exemplo, de muitos valores que são os mesmos para os jovens como os da sociedade do consumo), reclamações, etc. A educação também. Embora possamos encontrar diferenças de uma escola para outra e do ensino público para o privado, acredito que existem questões e problemas que são compartilhados pelas escolas como um todo”.

Dentre as lembranças da escola, reconhece como um ambiente de trocas. “A única que lembro quando penso nisso é que ela era um ótimo lugar pra socializar; agora, com as aulas mesmo, não lembro, eu não gostava de ir pra escola estudar”.

Bb acredita que aprendeu valores na infância. “Não me lembro de nenhum no ensino fundamental e médio (a título de curiosidade, aprendi a cantar o hino nacional na escola! (*risos)), mas provavelmente na educação infantil devo ter aprendido algumas coisas”.

Para ela, a faculdade de Filosofia trouxe valores importantes. “Aprendi a não fazer julgamentos, ou evitá-los ao menos, porque não existe uma verdade/um jeito certo; a ser responsável e ser autêntica, mas talvez isso eu já soubesse um pouco e a faculdade só reforçou”.

3. Descrição Compreensiva

Seguindo a perspectiva fenomenológica, nas tabelas a seguir, constam o “núcleo de significados”, extraídos do discurso dos sujeitos.

Tabela 1 : Alunos da rede pública e/ou particular de Ensino

SUJEITOS	ESCOLA (pública, particular ou ambas)	IMPORTÂNCIA ED. BÁSICA	DIFERENÇAS PÚBLICA X PARTICULAR	LEMBRANÇA MARCANTE	ED. BÁSICA X FORMAÇÃO ÉTICO MORAL	ENSINO SUPERIOR X FORMAÇÃO ÉTICO-MORAL
AA	ambas	conhecimentos básicos	cultura e infra- estrutura	sem resposta	socialização e vida em comunidade	sem resposta
AB	ambas	formação geral	meio social do aluno	professores negligentes	respeito e importância das relações interpessoais	não contribui. Aluno chegará formado
AC	ambas	base sólida intelectual	poucas	subestimado pelo professor	não contribui, e sim a família	meramente profissional
Aa	particular	importante mas sobra pouco tempo de lazer	não tem	sem resposta	sem resposta	sem resposta
Ab	particular	relacionamentos	qualidade de professores e instalações	amadurecimento	contribui mas não soube dar exemplos	responsabilidade

Tabela 2: Ex-alunos da rede pública e particular de Ensino

SUJEITOS	ESCOLA (público, particular ou ambas)	IMPORTÂNCIA ED. BÁSICA	DIFERENÇAS PÚBLICA X PARTICULAR	LEMBRANÇA MARCANTE	ED. BÁSICA X FORMAÇÃO ÉTICO MORAL	ENSINO SUPERIOR X FORMAÇÃO ÉTICO-MORAL
BA	ambas	formação e primeiras vivências em sociedade	organizacional e estilo de vida	amizades	contribuiu mas não soube dar exemplos	conduta profissional
BB	ambas	independência e consciência corporal	conteúdos escolares; motivação dos professores e maturidade dos alunos	ensinamento de um professor	esperar para falar; respeito às dúvidas e manter integridade física de si e dos outros	trabalhar em grupo
BC	ambas	obrigação	não tem	professores comprometidos; aulas diferenciadas	não contribuiu	professores amadurecem os jovens universitários; respeito; ética profissional e responsabilidade
Ba	pública	formação básica	problemas afetivos e alimentares prejudicam aprendizagem na rede pública	racismo na sala de aula com intervenção de professora e coordenadora	respeito às diferenças; ajuda ao próximo e valorização do coletivo	espírito de liderança; senso crítico e desenvolvimento profissional constante
Bb	particular	amizades	moradia e costumes da população local	escola como espaço de socialização	formação patriota	não julgar; responsabilidade e autenticidade

Uma pessoa com Ubuntu está aberta e disponível aos outros; assegurada pelos outros. Não se sente intimidada que outros sejam capazes e bons para ter a própria auto-confiança que vem do conhecimento, que ele ou ela tem o seu próprio lugar no grande todo - Arcebispo Desmond Tutu

V. PLANO DE INTERVENÇÃO

Diante da apresentação dos dados de campo, elaboramos um Projeto Educacional como sugestão para encaminhamento do problema de pesquisa. Ressaltamos que este Projeto constitui-se como proposta, pois representa o início de um processo a ser construído com a comunidade escolar, a fim de que todos participem desde sua concepção.

Temos o Projeto direcionado à Escola Ubuntu, *a priori*, mencionada como exemplo fictício. O nome Ubuntu é uma antiga palavra africana, que vem da expressão “Muntu ni Muntu nga Bantu”, cujo significado varia entre *humanidade para todos, eu sou o que sou devido ao que todos nós somos e eu sou porque você existe*.

A palavra é comumente utilizada por representar a noção de responsabilidade coletiva, a celebração da diversidade cultural, o respeito pela dignidade humana e a aceitação das diferenças para compreensão mútua, para a paz e o desenvolvimento e a existência de ser-em-relação.

O Projeto Educacional pretende mobilizar toda a comunidade escolar, a saber: pais, alunos, professores, profissionais de apoio (funcionários) e gestor. Para isso, nossa proposta é a organização de encontros sistemáticos, a fim de que se inicie a construção do projeto coletivamente.

O GESTOR COMO LIDERANÇA PARA INICIAR A MOBILIZAÇÃO

1º Momento:

Gestor organiza um encontro com os professores

Para este encontro, o objetivo do gestor é apresentar à equipe a vontade de se construir um Projeto Pedagógico coletivamente, de modo que todos participem e tenham total liberdade para contribuir e expor seus pontos de vista. O gestor pretende criar um clima de cumplicidade, parceria e sinceridade, pois isso é essencial para que desde o início, a equipe perceba que o objetivo é de construir um projeto que beneficie a todos, portanto, deve ser sonhado por todos.

Como atividade, o gestor propõe que cada professor preencha uma folha (anonimamente). Nela, contém uma tirinha da Mafalda, personagem do cartunista Quino, seguida de perguntas:



- Como você sente e vê o mundo atual?
- Quais são os problemas que você observa dentro da nossa comunidade e quais são os mais preocupantes?
- Quais são as possíveis causas dessa situação?
- O que você sugere como solução e de que forma participaria?
- De que maneira a formação ético-moral contribuiria na vida da comunidade?
- Que tipo de aluno e de sociedade você está disposto a construir?

As respostas devem ser depositadas em uma caixa lacrada e no encontro seguinte serão compartilhadas, registrando as sugestões levantadas no *flip-chart*. Lembramos que em todos os encontros um componente do grupo é voluntário para registrar os assuntos tratados em um caderno específico.

2º Momento:

Encontro com professores

Para este encontro, o gestor preparou um saquinho com quatro temas transversais, a serem sorteados por quatro professores para que, posteriormente, eles se organizassem em duplas para realizar um grupo de estudo. Cada dupla se responsabilizaria por realizar uma pesquisa sobre o tema transversal sorteado e apresentar para o grupo dentro de 15 dias, data do próximo encontro. Os temas são: meio ambiente, ética, saúde e pluralidade cultural.

3º Momento:

Gestor organiza um encontro com a equipe de apoio (limpeza, cozinha, segurança, etc.)

O gestor prepara um encontro com a equipe e como atividade, organiza uma proposta semelhante à utilizada no primeiro encontro com os professores:

Nela, contém uma tirinha da Mafalda, personagem do cartunista Quino, seguida de perguntas:



- Como você sente e vê o mundo atual?
- Quais são os problemas que você observa dentro da nossa comunidade e quais são os mais preocupantes?
- Quais são as possíveis causas dessa situação?
- O que você sugere como solução e de que forma participaria?
- De que maneira a formação ético-moral contribuiria na vida da comunidade?

- Que tipo de aluno e de sociedade você está disposto a construir?

As respostas devem ser depositadas em uma caixa lacrada. Nesses encontros, um voluntário também realiza registros.

4º Momento:

Encontro com a equipe de apoio

Para este encontro, o gestor abre a urna lacrada com a equipe e cada um sorteia um papel e lê em voz alta, compartilhando as informações e registrando as sugestões levantadas no *flip-chart*.

Para o final do encontro, o gestor faz uma proposta de ação, em que utiliza cerca de 15 bolinhas de papel amassadas e envoltas com durex. A gestora entrega uma bolinha para cada pessoa e orienta que eles imaginem. Cada bolinha que receberam representará um problema, e cada um tem que jogar a bolinha para outra pessoa, dizendo “esse não é meu”. A partir daí, começa a troca de bolinhas, onde muitas vezes a mesma pessoa recebe várias bolinhas ao mesmo tempo, ou fica sem, etc. Conforme o grupo vai se envolvendo a gestora vai adicionando mais bolinhas à proposta e depois de um tempo (muito divertido) ela encerra a brincadeira. Orienta que o objetivo da brincadeira foi perceber, de forma prática, como às vezes, no dia-a-dia, nós vemos ou temos muitos problemas que às vezes não damos conta. Ou acabamos sobrecarregados, ou acabamos sobrecarregando alguém, deixando-os para que outra pessoa resolva ou delegando para que outro faça.

A idéia é vivenciar na prática essa dinâmica real que acontece no ambiente de trabalho. Para encontrar a solução, ela pede palpites dos participantes, como eles acham que poderia ser resolvido. O objetivo é chegar ao consenso de que a melhor solução é compartilhar, dividir as dificuldades sem que ninguém fique sobrecarregado e as coisas se resolvam com mais tranquilidade.

Depois, a gestora também prepara um saquinho, porém aqui estarão quatro palavras, a serem sorteadas por quatro pessoas para que, posteriormente, eles se organizem em duplas para realizar um debate sobre o assunto. Cada dupla se

responsabilizaria por realizar uma pesquisa sobre o assunto sorteado e apresentar para o grupo dentro de 15 dias, data do próximo encontro. Os temas são: educação, ética, cidadania e participação.

5º Momento:

Encontro com professores e equipe de apoio

O gestor se reúne com toda a equipe e inicia as apresentações dos estudos temáticos, de forma que cada tema apresentado é colocado no *flip-chart* e o grupo faz comentários sobre os temas, sempre pensando na importância e de que forma cada um se relaciona com o tema.

Em seguida, a gestora propõe a elaboração do Projeto Pedagógico, em que a participação de cada um dos presentes é de suma importância. Para isso, pede a colaboração de todos, para que participem, opinem e que não tenham medo de dizer o que pensam, pois a partir daquele momento, os caminhos da escola serão decididos com a participação de todos, e esse sonho não pode ser de uma pessoa só, e sim do coletivo.

A gestão democrática faz parte do Projeto Educacional e a gestora apresenta esta dimensão ao grupo ao longo dos encontros seguintes, trazendo textos e criando vivências sobre o assunto, para que o grupo comece a perceber a inovação no sistema de ensino e na própria atuação dentro dele, da melhor forma possível.

Nossa proposta tem como último momento o convite para a comunidade participar de um encontro, onde serão apresentadas as características básicas do Projeto Educacional e a importância da participação de todos, abrindo espaço para suas necessidades. Busca-se, assim, levantar os impactos que o Projeto promoverá na comunidade como um todo.

6º Momento:

Convite para encontro com a comunidade, compreendida por pais, alunos, professores, equipe de apoio, gestor e interessados em geral

ESCOLA UBUNTU

Circular nº XX/09

ENCONTRO COM A COMUNIDADE

Boa Tarde!

A proposta pedagógica da ESCOLA UBUNTU está sendo atualizada, de modo que todos os integrantes de nossa comunidade participem de sua elaboração.

Para isso, contamos com a presença de toda a comunidade: pais, alunos, professores, equipe de apoio e interessados em geral.

Nosso encontro será no dia XX/XX/2009 a partir das 19:00 hs no Auditório.

O Projeto Educacional em vigor já está de acordo com a Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional - LDB 9.394/96, a Constituição Brasileira, o Estatuto da Criança e do Adolescente, o disposto nos Parâmetros Curriculares Nacionais - PCN e Deliberação nº 01/99 do Conselho Estadual de Educação de São Paulo.

A concepção de ensino da Escola está baseada no construtivismo e nos projetos, onde o nosso objetivo é possibilitar ao aluno explorar todas as possibilidades do seu corpo, dos objetivos, das relações, do espaço e através disso, desenvolver a capacidade de descobrir, refletir e *aprender a aprender*. As atividades são programadas de acordo com o conteúdo a ser trabalhado pelas disciplinas simultaneamente, onde além dos objetivos já conhecidos pela comunidade, queremos privilegiar a formação do sujeito ético-moral como objetivo a ser alcançado pela escola.

Sua participação é muito importante neste processo!

A Escola Ubuntu é o que é devido ao que todos nós somos!

VI. CONSIDERAÇÕES FINAIS

Com base nas pesquisas teóricas e *in loco* levantadas para o presente trabalho, podemos concluir que a formação ético-moral desenvolvida pela Educação Básica não atende às expectativas que são esperadas pelos alunos e sugeridas pelos Parâmetros Curriculares Nacionais.

As *marcas* que foram impressas nos sujeitos que estão sendo ou já se formaram se referem mais ao convívio social e às amizades, mas não privilegiaram a formação de valores.

Ou seja, a proposta de um Projeto Educacional construído coletivamente surge como uma alternativa para que a comunidade como um todo se mobilize para que o objetivo seja alcançado.

Este trabalho é apenas um primeiro passo, isto é, o tema não se esgota por aqui. Não cabe a esta pesquisa fazer uma análise psicológica ou sociológica que busque entender as motivações pelas quais a educação oferecida pelas escolas não possui esta dimensão tão clara e não investem nessa direção.

Esperamos que este trabalho tenha elucidado os conceitos tratados, de modo que contribua para o despertar de outros educadores nesta perspectiva.

Pretendemos dar continuidade nesta área de pesquisa, pois ainda há muitas questões a serem levantadas e novas propostas curriculares podem surgir neste caminho. Certamente, nossas pesquisas trilharão mais além...

VII. REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ALBUQUERQUE, H. M. P. & MARTINS, M. A. V. (2005). **Fazendo educação continuada**. São Paulo: Avercamp.

ARAÚJO, U. F. (2003). **Temas transversais e a estratégia de projetos**. São Paulo: Moderna.

BIAGGIO, A. M. B. (2002). **Lawrence Kohlberg: ética e educação moral**. São Paulo: Moderna.

BRASIL, Secretaria de Educação Fundamental. (1997). **Parâmetros curriculares nacionais: introdução aos parâmetros curriculares nacionais**. Secretaria de Educação Fundamental. Brasília: MEC/SEE.

ENGELS, F. (1974). **Do socialismo utópico ao socialismo científico**. 2. ed. Lisboa: Estampa.

FREIRE, P. (2006). **A importância do ato de ler: em três artigos que se completam**. 47. ed. São Paulo: Cortez.

_____. (1987). **Pedagogia do oprimido**. 27. ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra.

GADOTTI, M.; ROMÃO, J. E. (2004). **Autonomia da escola: princípios e propostas**. 6. ed. São Paulo: Cortez / Instituto Paulo Freire,

HERNÁNDEZ, F. (1998). **Transgressão e mudança na educação: os projetos de trabalho**. Porto Alegre: Artes Médicas.

HUXLEY, A. L. (1984). **Admirável mundo novo**. 13. ed. Rio de Janeiro: Globo.

KOLYNIAC FILHO, C. *Educação física e Vygotsky*. **Revista Discorpo**. São Paulo: v. 3, n. 04, p. 15-39, abril, 1995.

LA TAILLE, Y. *A crise do “eu quero, já”*. **Revista Época**. São Paulo: Globo, ano 8, n.394, p. 84-86, 05/dezembro, 2005.

PADILHA, P. R. (2001). **Planejamento dialógico: como construir o projeto político-pedagógico da escola**. 4. ed. São Paulo: Cortez/Instituto Paulo Freire.

PEREIRA, L. & FORACCHI, M. M. (1976). **Educação e sociedade**. 7. ed. São Paulo: Companhia Editorial Nacional.

PEREIRA, O. (1991). **O que é moral**. *Coleção primeiros passos*, 1. ed. São Paulo: Brasiliense.

PERRENOUD, P. (2000). **Dez novas competências para ensinar: convite à viagem**. Porto Alegre: Artes Médicas.

PIAGET, P. *Os procedimentos da educação moral*. In: MACEDO, L. (org.) (1996a). **Cinco estudos de educação moral**. São Paulo: Casa do Psicólogo.

PINTO, A. V. (2007). **Sete lições sobre educação de adultos**. 15. ed. São Paulo: Cortez.

SANT'ANNA, F. M.; ENRIGONE, D.; ANDRÉ, L. C.; TURRA, C. M. (1998). **Planejamento de Ensino e Avaliação - Modalidades de Avaliação**. 11. ed. Porto Alegre: Sagra Luzzatto.

TRIVIÑOS, A. N. S. (1992). **Introdução à pesquisa em ciências sociais: a pesquisa qualitativa em educação**. 3. ed. São Paulo: Atlas.

VALLS, A. L. M. (1994). **O que é ética**. *Coleção primeiros passos*, 9. ed. São Paulo: Brasiliense.

VYGOTSKY, L. S.; LURIA, A. R. & LEONTIEV, A. N. (1989). **Linguagem, desenvolvimento e aprendizagem**. São Paulo: Ícone.

ZABALA, A. (1998). **A prática educativa - como ensinar**. Porto Alegre: Artes Médicas.

_____. *Os enfoques didáticos*. In: COLL, C. e outros (1998). **O construtivismo em sala de aula**. São Paulo: Cortez.

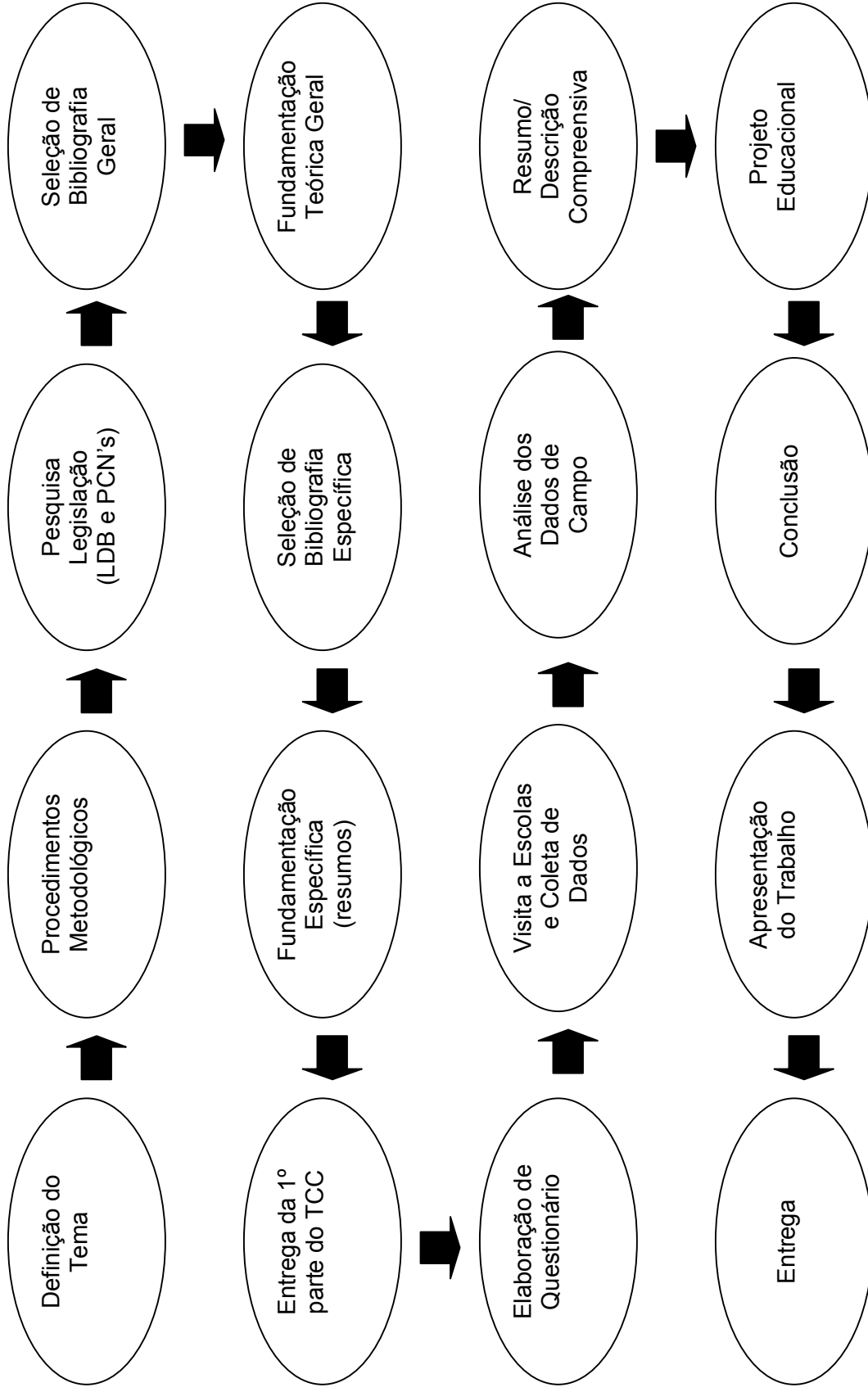
VIII. ANEXOS

ANEXO 1 – CRONOGRAMA (PERT)

ANEXO 2 – QUESTIONÁRIO (MODELO)

ANEXO 1

CRONOGRAMA/PERT



ANEXO 2

PONTIFÍCIA UNIVERSIDADE CATÓLICA DE SÃO PAULO – PUC-SP
FACULDADE DE EDUCAÇÃO

IMPORTANTE:

- Este questionário será utilizado como instrumento de pesquisa.
- A identidade será mantida em sigilo absoluto.

Obrigada pela participação!

Atenciosamente,

DENIZE LINDOLPHO DE OLIVEIRA

Matrícula N°: 05003103

Curso: Pedagogia

QUESTIONÁRIO

NOME: (opcional)

SEXO:

1. A Educação Básica, que representa o período de estudos realizados até o Ensino Médio. Comente a importância desse período na sua vida e informe se você estuda/estudou em unidade(s) de ensino:
 - público;
 - privado;
 - público e privado.
2. Na sua opinião, existe diferença entre a educação e o comportamento dos estudantes de escola pública e particular de ensino? Justifique.
3. Descreva uma lembrança (positiva ou negativamente) marcante que você tem da vida escolar e responda em que aspecto ela contribuiu para a formação do seu caráter.
4. Você acha que a Educação Básica oferecida contribui/contribuiu para sua formação ético-moral? Cite 3 valores que você pegou para si.
5. Você acha que o Ensino Superior contribui/contribuiu de que forma na sua formação ético-moral? Cite 3 valores que você pegaria/pegou para si.